



ANALISANDO AS PERCEPÇÕES DOS DOCENTES UNIVERSITÁRIOS EM UMA ESPECIALIZAÇÃO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Andréa Cantarelli Morales – acmorale@ucs.br
Lisiane Fátima Biachi Braga – lisianefbb@gmail.com
Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis
95070-560 – Caxias do Sul – RS

Resumo: *Este artigo é resultado de uma investigação que se propõe as percepções de docentes universitários que possuem somente curso de graduação, e que estão cursando uma especialização de formação docente. Participaram do mesmo seis professores que estavam cursando “Especialização em Formação Docente para o Ensino Superior – Modalidade EAD, de uma universidade de grande porte do interior do RS. Tratava-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, com análise dos dados segundo Bardin (1977). Com este trabalho se buscou verificar quais as reflexões que os docentes estavam fazendo e em que poderiam atuar como construção de uma melhor prática docente. Esses resultados podem mostrar a outros professores a necessidade de uma formação continuada, assim como as angústias e incertezas que todos tem com relação a mudança no fazer docente.*

Palavras-chave: *Docência Universitária. Conhecimento. Concepções. Formação Continuada.*

1. INTRODUÇÃO

O tempo que vivemos é marcado por mudanças que faz com que os professores, tenham que buscar novas capacitações nos seus processos de formação. Vivencia-se o momento em que a necessidade de um título é cada vez maior dentro do âmbito universitário. A atual LDB (1996) exige a titulação e não evidencia a formação pedagógica do professor, pois pela primeira vez ela define o contexto de universidade, mas não define o docente universitário. A melhor instituição dentro da LDB foi a criação dos PPP (Projeto político pedagógico) para os cursos universitários, onde neles vai estar discriminado qual a formação do docente universitário, porém isso fica à cargo de cada instituição. Com isso, a grande maioria dos cursos de pós-graduação prioriza as atividades de pesquisa e se esquecem da formação pedagógica do docente.



Leva-se a acreditar que alguns fatores contribuíram para que a formação docente do professor universitário tenha ficado de lado. Primeiramente acreditava-se, e ainda acredita-se, que quem possuísse o conhecimento era capaz de ensinar, assim para se ter o perfil dos professores universitários era necessário ser detentor do conhecimento, não importando necessariamente se possuía ou não a didática para o exercício de tal função. Existe também a questão da influência norte-americana onde a formação dos alunos era voltada para o profissionalismo, assim seria necessário professores com muito conhecimento profissional que fossem capazes de “transmitir” o seu conhecimento formando os alunos para o mercado de trabalho, que era o essencial, pouca ou nenhuma preocupação se tinha com os métodos utilizados no processo de ensino/aprendizagem e nem tampouco se lembrava que o conhecimento não era transmitido. Outra questão importante é a quantificação da produção acadêmica, onde a própria LDB exige que se tenham mestres e doutores com produção científica, com esse fator, as próprias instituições se preocuparam em formar cursos de pós-graduação que tivessem como foco maior a produção acadêmica, deixando de lado novamente a formação do docente. Cabe a cada instituição o oferecimento ou não desta formação acadêmica, pois em nenhum momento da constituição esta o é exigido.

Tem-se procurado formar profissionais mediante um processo de ensino em que conhecimentos e experiências profissionais são transmitidos de um professor que sabe e conhece para um aluno que não sabe e não conhece, seguido por uma avaliação que indica se o aluno está apto ou não para exercer determinada profissão. Em caso positivo, recebe o diploma ou certificado de competências que lhe permite o exercício profissional. Em caso negativo, repete o curso. (Masetto, 2003, pg. 12)

Dois fatores fundamentais estão alterando o modo de pensar das instituições de ensino superior, primeiramente a grande quantidade de alunos ingressantes no ensino superior, com a necessidade da formação de graduação inclusive do professor das séries iniciais do ensino fundamental, a demanda de alunos a procurarem o ensino superior cresceu muito e, para suprir essa demanda, tornou-se necessário a criação de cursos à distância, os conhecidos EAD's. Outro fator é a questão da inovação tecnológica que vivemos hoje, com isso não podemos mais pensar no nosso aluno da mesma forma que pensávamos há alguns anos atrás, o mesmo já chega à instituição com uma gama de informações muito grande a qual o professor não pode desconsiderar, o próprio perfil do aluno já é diferente, pois o mesmo, que tem acesso à internet, já tende a buscar a informação antes do trabalho realizado, o acesso está muito mais fácil. Inclusive na reunião da UNESCO de 1998 realizada em Paris, cujo título foi a Declaração Mundial sobre Educação Superior no século XXI, nos mostra, em seu artigo 9º quais as aproximações educacionais inovadoras que o professor deve levar em conta, considerando o pensamento crítico e a criatividade.

Hoje muitas formas de ensinar não se justificam mais. Alunos e professores sabem que aulas convencionais já não vão mais ao encontro das necessidades dos alunos. Entende-se por aulas convencionais as aulas totalmente expositivas, onde os alunos eram meros ouvintes e muitas vezes não tinham o direito de se pronunciar durante a explanação do professor. Os métodos de ensino da educação de hoje ainda estão alicerçados na LDB de 1966, onde o governo buscou o modelo norte-americano que era baseado no método tecnicista, com isso, iniciou o ensino médio para a formação de mão-de-obra qualificada para a atuação no mercado de trabalho. Conforme nos diz Nicolato (1988) as mudanças impostas ao ensino



superior resultaram do processo de evolução capitalista do país, que apresentava como uma de suas características a subordinação da escola à mesma lógica do sistema de produção.

E, nesse ritmo cada vez mais acelerado, como já afirmava Moura (1994, p. 50) : “Os grandes avanços atuais são alavancas poderosas das quais resultarão progressos ainda mais espetaculares e com os quais, hoje, mal podemos sonhar”, nota-se que o professor universitário somente tem buscado formação voltada para a produtividade científica, deixando de lado sua formação com relação ao seu fazer docente.

2. METODOLOGIA E RESULTADOS OBTIDOS

Relacionado à introdução citada acima, estamos nos propondo a analisar as percepções de docentes universitários, que possuem somente curso de graduação, e que estão cursando uma Especialização em Formação Docente para o Ensino Superior - Modalidade EAD, de uma universidade de grande porte do interior do RS. Participaram desta pesquisa seis professores.

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, com análise dos dados segundo Bardin (1977) que diz que a partir de uma primeira leitura, que ele chama de leitura flutuante, podem surgir intuições que convêm serem formuladas em hipóteses.

Quando pensamos nesse contexto, logo vislumbramos um professor que, ao lado do conhecimento específico da sua área, seja capaz de dar conta das exigências dos novos tempos, ou seja, que busque a reflexão sobre o seu fazer docente, tentando tornar eficaz o processo de ensino e aprendizagem que desenvolve com seus alunos, ao mesmo tempo buscando inovação e tecnologia que estejam voltadas ao público diferenciado que se tem hoje nas universidades, um público capaz de trabalhar com mais de uma atividade ao mesmo tempo e que não tem paciência de assistir aulas onde somente o professor é que fala e o aluno é passivo. O novo público precisa de interação e dinamismo para que o seu processo de aprendizagem se dê de uma forma mais concreta, além do que, o professor precisa também saber lidar com a diversidade cultural existente em sala de aula. Fundamentado nesta análise entendemos que é primordial a formação continuada do professor.

Os professores foram convidados a participar de uma entrevista semi-estruturada. Seis professores responderam a seguinte questão: **Que tipo de reflexões sobre sua ação esta qualificação está proporcionando?**

Nesse sentido, o objetivo do trabalho é verificar junto a esses professores, na oportunidade de estarem cursando esta especialização, quais as reflexões que eles estão fazendo e em que poderão atuar como construção de uma melhor prática docente.

A partir do momento em que as entrevistas foram degavadas, o estudo seguiu com apoio em Bardin (1977, p. 97), que as caracteriza como “um conjunto de técnicas de análises dos dados, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos, obter indicadores que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens”, ou seja, podem-se compreender as idéias e concepções dos respondentes,



levando-nos a refletir sobre as questões aprofundadas com a fundamentação teórica e a cada momento repensadas.

As categorias emergiram da leitura e releitura das entrevistas, tendo sido definido uma grande categoria de reflexão e posteriormente sub-categorias que são: grupo, mudança no fazer docente, angústias, incertezas e construção para novos saberes.

A categoria grupo foi identificada na fala de quatro professores: “começo a refletir um pouco mais, de novo, sobre o fazer”; “mas a oportunidade de trocar com outros colegas é uma oportunidade que só se cria com eventos desse gênero, eu acho que a troca com colegas é o que está sendo para mim um dos elementos de maior destaque nesse evento”; “eu acho que é muito legal essa condição de troca com os colegas”, sendo que esta última fala foi identificada por dois professores de maneira semelhante. Esta categoria foi realçada no sentido de que esses professores salientaram a importância da atividade em grupo para poder haver discussão e mesmo uma reflexão do seu fazer docente. Sabendo-se que a formação não se constrói por meio de vários conhecimentos, mas sim por meio da reflexão crítica sobre a própria experiência e da interação com outros membros da comunidade docente é possível demonstrar a necessidade do diálogo entre colegas docentes e a interação com relação à experiência de cada um. Essa atividade propicia aos professores a formação de saberes que emergem das diferentes práticas profissionais, só assim há a socialização do conhecimento.

Nas falas indicadas acima é possível a percepção de que alguns desses professores pouco tiveram a oportunidade de discussão de sua prática docente, e conforme Perrenoud (2000) afirma que participar de um grupo de análise das práticas docentes constitui uma forma de treinamento com relação a reflexão do nosso próprio fazer docente e que permite a interiorização de posturas, procedimentos e questionamentos e podem ser transferidos por nós mesmos no dia em que nos encontrarmos sozinhos em nossa sala de aula.

Já a categoria mudança no fazer docente pode ser evidenciada nas seguintes falas: “O curso possibilita ao aluno, no caso o professor, pensar ou repensar a sua atitude em sala de aula”; “Eu acho que primeira reflexão que a gente fez a respeito da qualificação profissional foi em relação ao fazer docente”. Essas reflexões revelam que realmente o estudo que está sendo realizado no curso de pós-graduação está surtindo seu efeito prioritário que seria a reflexão com a relação à docência no ensino superior.

Por muito tempo a competência pedagógica foi entendida como um dom, hoje já se entende que a mesma pode ser desenvolvida. Normalmente isso ocorre após o início da docência, por isso esses saberes precisam ser pensados, discutidos e principalmente refletidos, pois aprendemos pela discussão com os pares, não ouvindo alguém falar.

Por isso quando se fala que precisamos repensar o nosso fazer pedagógico, precisamos repensar os métodos utilizados ao ministrarmos nossas aulas. Mudando os métodos no nosso processo de ensino e aprendizagem e, se possível, incorporando as ferramentas tecnológicas aos mesmos, estaremos transformando nossas aulas em algo motivador para os alunos. Não podemos esquecer que somente realizando a mudança do fazer docente sem a mudança de conceitos errôneos não surtem o efeito de motivação desejado. Sabe-se que a construção do conhecimento se dá pela interação com os pares e com o objeto do conhecimento, portanto é preciso instigar os alunos a pensarem, propondo atividades de



problematização, fazendo com que os mesmos busquem os conhecimentos já pré-conhecidos, transformando-os em novos conhecimentos para a resolução da atividade proposta, assim estaremos fazendo com que o nosso aluno se interesse pelo objeto do conhecimento, já que estamos em um novo tempo onde toda a informação está disponível pelo acesso de um computador. Perrenoud (2000, p.25) diz que

Organizar e dirigir situações de aprendizagem é despender energia e tempo e dispor de competências profissionais necessárias para imaginar e criar outros tipos de situações de aprendizagem, que as didáticas contemporâneas encaram como situações amplas, abertas, carregadas de sentido e de regulação, as quais requerem um método de pesquisa, de identificação e de resolução de problemas.

Nas falas “desperta essa questão do construir o conhecimento no aluno”; “o grande norte destas conclusões, e me parece que existe, numa visão primeira e sem maior profundidade, uma quase penalização do professor, como se ele fosse efetivamente o culpado por todos os... as mazelas da educação no ensino superior”; “embora sabendo que devemos nos atualizar com a linguagem que é atualmente praticada pelos jovens, são a “clientela” da universidade de que sempre é apresentado como ser binível assim, que precisa ser ajudado, quase como que um incapaz e parece que esse tipo de atitude assim tão paternalista pode levar a resultados indesejados”; “deu uma mexida também na questão da leitura como tu ensinar um aluno a ler, como tu ensinar um aluno a escrever”; “discutir com os teus pares o assunto da tua aula, é um pouco complicado porque tu é que sabe exatamente como lidar, como pode chegar, o que pode ensinar, de que forma ensinar então essa discussão fica mais as vezes com um amigo”, destacamos a categoria angústia, onde os professores destacam duas principais angústias causadas com relação às mudanças na qual o próprio curso provoca. Saliento uma fala em que o professor diz “todo mundo está saindo daqui com ‘TIC’s’, que a gente está se familiarizando agora”, este é um termo usual utilizado por este professor em sala de aula, quando ela fala que estamos saindo com ‘TIC’s’, o termo não se refere à tecnologia, mas sim que os professores estão saindo do curso com dúvidas, pois estão começando a se familiarizar com as novas tendências da educação.

Acostumados a um trabalho bem definido, os professores se vêm diante de uma situação totalmente nova; embora muitas vezes reconheçam a necessidade de redimensionar o seu trabalho e buscar novas bases para o ensino, via de regra encontram-se despreparados, mal informados e sem condições de, sozinhos, enfrentarem tantos desafios. As pressões são muitas e eles vêm de vários fatores: de um lado, dos pais, que, por não compreenderem exatamente o que está acontecendo, exigem do professor respostas que ele não está preparado para dar; de outro da sociedade, que o responsabiliza por todos os males sociais, exigindo do professor e da escola soluções para os inúmeros problemas sociais. E assim, o professor acaba se tornando o “bode expiatório” de todo o insucesso e incapacidade escolares. Por outro lado, isso tudo acaba gerando no professor um sentimento de culpa que irá constituir-se em um elemento a mais para que ele perca a sua identidade (QUELUZ, 1999, p. 11).

Assim é possível perceber que a angústia não é um privilégio destes professores, e sim da grande maioria dos professores. Pois todos estão recebendo um novo público de alunos que já não aceitam mais o modo mecanicista de ministrar aulas, são alunos que já possuem informação e precisam de um orientador para a organização dessa informação em



conhecimento, sendo que nem o professor atual, está preparado ou possui conhecimento necessário sobre como proceder para as mudanças que exigem um novo método de ensino.

Numa das falas é possível perceber a angústia do professor com relação a questão de ser mal interpretado ao partilhar suas atividades de sala de aula com o grupo. Isso também é um item importante a ser considerado, pois temos angústias relacionadas a vários níveis, não somente com relação a como ministrar minhas aulas no novo processo de ensino que está se construindo, mas também como o meu colega professor vai enxergar as atividades que faço dentro da sala de aula, o professor acredita que pode ser interpretado tanto como o “antiquado” assim como o “moderninho”. “Antiquado” no sentido de que podem achar suas aulas muito tradicionais, ou que não está trabalhando para mudar o seu fazer docente, e “moderninho” no sentido de que pode ser interpretado como aquele que está tentando ficar na frente dos outros com relação as novas práticas pedagógicas. Tudo isso pode causar conflito interno se o professor não estiver bem preparado psicologicamente para expor suas atividades.

Com a categoria incerteza destacamos as falas “me dá um pouco mais da noção da importância do papel que eu exerço como professor, me sinto até valorizado vendo que algumas coisas até eu faço bem, algumas coisas eu posso rever, refletir, refazer”; “eu já vinha usando isso, eu já vinha utilizando isso, não de uma forma tão consciente e não de uma forma tão metódica, sempre tu entende melhor assim, alguns detalhes, algumas coisinhas que tu pode fazer para que isso fique um pouco melhor”. Essas reflexões nos mostram que os professores, apesar de terem certeza da necessidade da mudança do seu fazer docente, ainda continuam com muitas incertezas em relação ao como fazer esta mudança.

É possível se afirmar que muitos professores já mudaram o seu fazer docente por conta própria, sem buscar um aperfeiçoamento ou uma especialização, isso pela simples necessidade de mudança. Digo necessidade de mudança pelo perfil do novo aluno que está presente nas salas de aula e os professores nem ao menos foram avisados desse tipo de novo aluno. Assim a mudança ocorre pela própria percepção do professor, que muitas vezes nem se dá conta que mudou, ou que se viu obrigado a mudar, a mudança simplesmente ocorreu pela sua própria maneira de realizar suas atividades se importando mais com o aprendizado do aluno do que com a necessidade de ‘transmissão’ de todo o conteúdo necessário para o semestre ou o ano. Para esse professor, está faltando somente a reflexão sobre o seu fazer docente e a sua auto-avaliação com relação a essa modificação do próprio fazer docente. A essa reflexão do fazer docente Perrenoud (2000) chama de uma das competências necessárias para ensinar, e afirma que é, na realidade, a competência necessária para a base de uma *autoformação*, considerando que formar-se não é fazer cursos, é aprender, é mudar a partir de diversos procedimentos pessoais e coletivos, esses procedimentos podem ser o trabalho em equipe, participação em um projeto, uma leitura, experimentação, reflexão pessoal regular ou mesmo uma discussão com colegas.

Com relação à construção de novos saberes, outra categoria destacada, podemos evidenciar as mesmas nas seguintes falas: “a gente como professor, a gente tem que constantemente estar se oxigenando com novos saberes”; “o conhecimento de novas técnicas e ferramental, abre um horizonte muito grande e efetivamente a reflexão que permite este tipo de provocação”; “desperta a questão dos tipos de tecnologias que tu pode utilizar em aula, como tu pode acompanhar esse aluno também fora de aula”; “essa necessidade nossa de ter esse curso agora, desperta realmente esse lado de aprendizagem constante, de busca mesmo



de informação, tanto pedagógica quanto tecnológica”. Nestas reflexões podemos perceber que os professores colocam em destaque a construção de novos saberes principalmente nas áreas pedagógica e tecnológica.

Tendo em vista à crescente gama de tecnologias que podem ser incorporadas no necessário “estar bem informado”, atualizado, os professores tem a preocupação do conhecimento tecnológico para que cresçam cada vez mais, como pessoas, profissionais e cidadãos, e possam ajudar seus alunos no processo de construção de conhecimentos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o contexto identificado acima Libâneo (s/d, p. 227) afirma que a formação continuada pode possibilitar a reflexividade e a mudança nas práticas docentes, ajudando os professores a tomarem consciência das suas dificuldades, compreendendo-as e elaborando formas de enfrentá-las. De fato, não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência, mediante ações coletivas.

Lembramos que a autonomia e a responsabilidade de um professor dependem de uma grande capacidade de refletir em e sobre sua ação pedagógica, o que caracteriza o professor reflexivo. Perrenoud (2000, p. 160) afirma que “todo ser humano é um prático reflexivo”, com isso ele diz que para ser um professor reflexivo é preciso que a reflexão seja mais metódica, movida por uma vontade de aprender com a experiência e de transformar sua prática a cada nova atividade.

Ficou evidente que a reflexão da prática docente é uma necessidade para o aprimoramento do fazer pedagógico do professor, dessa forma, o professor reflexivo está sempre atento as possibilidades de mudanças, é sensível as mudanças alternativas, porém deve ter consciência que também é passível de erro. Toda mudança causa uma certa apreensão e angústia, porém, somente o professor reflexivo, que não está satisfeito com sua própria prática docente, será passível de mudança, deixando de lado a angústia e refletindo, posteriormente, sobre sua ação. Para se mudar é necessário uma motivação, seja ela intrínseca ou extrínseca, o professor reflexivo encontra essa motivação, em grande parte, na sua insatisfação com os resultados alcançados em sala de aula. Porém a reflexão por si só, de forma individual, muitas vezes não atinge o resultado esperado, ela tem maior ênfase quando praticada em grupo, ou mesmo entre dois professores, pois a mesma não deve ter um fim em si mesma. Conforme Ribas (2003, p. 41)

a reflexão deve se concretizar no coletivo, pois, enquanto prática social, a equipe de professores apoia e assegura o desenvolvimento pessoal e profissional de cada participante e do grupo como um todo, podendo até alterar as condições de trabalho existentes na escola. [...] Convém ressaltar que esse não é um processo fácil como se possa supor pelo exposto, pois trata-se de um processo dialético não-linear, lento e gradativo.

Com relação a construção de novos saberes, houve uma saliência maior com relação a utilização de recursos tecnológicos no ambiente de sala de aula. Porém, em se tratando de tecnologia, consta que a mesma é sempre um passo à frente, ou seja, não se pode voltar atrás



pois ela já está inserida no contexto de vivência de todos (uns com mais intensidade outros com menos), por isso há necessidade de abertura por parte do docente com relação à sua inserção nas aulas. Contudo essa inserção precisa ser bem pensada, pois o novo aluno, considerado nativo digital, já tem posse de muitas informações em função do contexto tecnológico que está inserido, ele necessita de um professor que o ajude a trabalhar estas informações e não mais de um professor que lhe dê informações. Com isso vimos novamente a importância do repensar o nosso fazer docente.

Inserir tecnologia no contexto educacional não significa que o professor esteja trabalhando de modo inovador, pois também podemos trabalhar inculcando no aluno o hábito de pensar mesmo sem o uso da tecnologia.

Desse modo, ficou evidenciado que a formação continuada de professores é uma necessidade de melhoria contínua em se tratando de prática docente, pois somente o professor refletindo sobre o seu fazer docente, terá a possibilidade de realizar mudanças motivado pela inquietude em função do resultado alcançado. A formação continuada tem que ser uma busca do professor, pois mesmo que a instituição promova essa ação, somente terá a participação integral do docente se o mesmo estiver inserido de forma espontânea neste contexto.

4. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdos**. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70, 1977.

LDB - Lei de diretrizes e bases da educação <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>, lido em 22/02/2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MOURA, Paulo C. **Construindo o futuro: O impacto global do novo paradigma**. Rio de Janeiro. Mauad, 1994.

NICOLATO, Maria Auxiliadora. **A caminho da Lei 5.540/68** - a participação de diferentes atores a definição da reforma universitária. Belo Horizonte, UFMG, 1988. 519p. 2v. tese (mestrado) <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/659/586>, acesso em 22/02/2011.



PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

QUELUZ, Ana Gracinda, ALONSO, Myrtes. **O trabalho docente: Teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1999.

RIBAS, Mariná Holzmann; CARVALHO, Marlene Araújo de. **O caráter emancipatório de uma prática pedagógica possível**. In: O trabalho docente: teoria e prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p.37-46.

UNESCO: **Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação**. Paris, 1998.

http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/20030620161930/20030623111830/, lido em 24/02/2011.

ANALYZING THE PERCEPTIONS OF TEACHERS COLLEGE OF EXPERTISE IN TEACHER TRAINING

Abstract: *This article is the result of an investigation that intends perceptions of university professors who have only undergraduate degree, and who are pursuing a specialization of teacher education. Participated in the same six teachers who were attending "Specialization in Teacher Education for Higher Education - Distance Education mode, a large university in the interior of the RS. This was a qualitative, descriptive study, with data analysis according to Bardin (1977). This work is aimed to verify that the reflections that teachers were doing and where they could act as building a better teaching practice. These results may show other teachers the need for continuous training, as well as the anxieties and uncertainties that everyone has with respect to the change in teaching.*

Key-words: *University Teaching. Knowledge. Conceptions. Continuing Education.*